

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS- CESP
LICENCIATURA EM LETRAS**

Larissa Tavares Garcia

O Papel Político-Social Das Escritoras Indígenas Na Sociedade E Na Educação

Parintins- AM,
2025

Larissa Tavares Garcia

O Papel Político-Social Das Escritoras Indígenas Na Sociedade E Na Educação

Trabalho de pesquisa Apresentado a
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
como requisito para obtenção de conclusão de
curso, sob a orientação da Prof.^a Dra. Delma
Pacheco Sicsú.

Parintins- AM,
2025

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

G216 Garcia, Larissa Tavares
O Papel Político-Social das Escritoras Indígenas na
Sociedade e na Educação / Larissa Tavares Garcia . Manaus :
[s.n], 2025.
53 f.: il.; 21,0 cm.

TCC - Graduação em Letras- Licenciatura- Universidade do
Estado do Amazonas, Manaus, 2025.
Inclui Bibliografia.
Inclui Anexo.
Orientador: Sicsú, Delma Pacheco .

1. Literatura Indígena . 2. Autoria Feminina . 3. Resistência .
4. Decolonialidade . I. Sicsú, Delma Pacheco (Orient.) II.

CDU(1997)8

O Papel Político-Social Das Escritoras Indígenas Na Sociedade E Na Educação

Larissa Tavares Garcia

Aprovada em __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Delma Pacheco Sicsú
Presidente (Universidade do Estado do Amazonas)

Prof.^a Me. Dilce Pio Nascimento
Membro (Universidade do Estado do Amazonas)

Prof.^a Dra. Cíntia Bastos Saboia
SEMED/Manaus

Dedico este trabalho à minha família, pelo apoio, amor e força em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, dedico toda a realização deste trabalho, sem sua constante presença e infinita misericórdia eu não teria conseguido, minha eterna gratidão.

A minha família, especialmente a minha mãe Mercedina, por todo alicerce, amor e dedicação a minha formação educacional e como pessoa, por todos os momentos em que eu imaginei que iria desistir, suas orações me levantaram e me guiaram para hoje. Agradeço particularmente a minha irmã Karine, que foi um grande apoio e abrigo nessa caminhada, a ela o meu amor e gratidão, por estar comigo quando precisei desabafar, rir ou de um simples “vai dar certo”.

Ao meu amor, que me acompanha no final dessa jornada e me mostra todos os dias que eu sou capaz, muito obrigada por ser luz.

Aos professores que fizeram parte da minha trajetória, pelos ensinamentos, exigências e dedicação. Cada contribuição foi fundamental para a minha formação pessoal e acadêmica.

À minha professora e orientadora Delma Pacheco Sicsú, pela dedicação incansável, paciência, disponibilidade e constante cuidado na construção de cada etapa desta monografia. Foi um privilégio aprender sob sua condução.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar a Literatura Indígena de autoria feminina no contexto social e educacional, destacando o papel das autoras indígenas nesses espaços. Através de uma oficina de leitura e aplicação de questionários a estudantes do terceiro ano do ensino médio, foram coletados dados que embasaram as análises. Utilizando quadros comparativos, foram discutidos os impactos e contribuições dessa produção literária, sobretudo no ambiente escolar, evidenciando sua importância na valorização das identidades indígenas e no fortalecimento de práticas educativas mais inclusivas.

Palavras-chave: Literatura Indígena, Autoria feminina, Resistência, Decolonialidade.

ABSTRACT

This research aims to present Indigenous Women's Literature within social and educational contexts, highlighting the role of Indigenous female authors in these spaces. Through a reading workshop and the application of questionnaires to third-year high school students, data were collected to support the analysis. Using comparative charts, the study discusses the impacts and contributions of this literary production, especially in educational settings, emphasizing its importance in valuing Indigenous identities and strengthening more inclusive educational practices.

Keywords: Indigenous Literature, Feminine Authorship, Resistance, Decoloniality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO	10
1.1 A leitura enquanto ferramenta na formação do leitor	10
1.2 Alteridade e Dialogismo na Literatura Indígena	15
1.3 Vozes de Escritoras Indígenas e seu Papel Político na Luta pelos Direitos Indígenas.....	21
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	27
CAPÍTULO III - RESULTADO DA PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS	31
3.1 Percepções discentes.....	31
3.2 Reflexões e Resultados da Oficina de Leitura com Alunos	32
3.3 Escuta Docente.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS	45
ANEXOS.....	40
Anexo I. Alguns Questionários Respondidos Pelos Alunos	49
Anexo II. Questionário Respondido pelo Professor.....	53

INTRODUÇÃO:

A Literatura Indígena tem ganhado um significativo espaço em discussões acadêmicas e sociais e isso vem contribuindo, também, para um cenário político mais inclusivo. Tendo em vista, principalmente, as escritoras indígenas, esse espaço se torna ainda mais especial, pois ao longo da história, os povos originários desta terra foram criminalizados, apontados como selvagens, roubados e expostos a estereótipos criados sob a ótica eurocentrista.

Mulheres indígenas, já afetadas pelo machismo estrutural enraizado na sociedade, enfrentam em dobro a opressão que insiste em invisibilizá-las, pois elas não apenas carregam a luta de gênero, mas também a preservação da própria identidade. Suas obras, poemas e histórias denunciam a constante tentativa de apagamento histórico, a expansão territorial que invade as terras de seus povos, destrói florestas e envenena rios. Além disso, desmascaram as violências sofridas por suas antepassadas, vítimas do processo colonial. Em suas vozes ecoam, pois as vozes de mulheres indígenas que não puderam gritar.

Márcia Kambeba, Eliane Potiguara, Graça Graúna e Julie Dorrico, entre outras escritoras indígenas não escrevem apenas poesias: suas obras são testemunhos históricos, protestos e resistência. Por isso, ao abranger o papel político-social das escritoras indígenas na sociedade e na educação, esta pesquisa proporciona a compreensão de que os povos originários não estão no passado, vivem o presente e resistem ao apagamento. Quebram-se, assim, paradigmas construídos com base na visão colonial, mostrando que as autoras autóctones também são líderes, intelectuais, escritoras e artistas.

Na educação, suas vozes contribuem para a transformação do espaço escolar, oferecendo conteúdos que escapam do eixo eurocêntrico e monocultural que ainda domina os currículos. Além disso, reforçam a importância da oralidade, da memória cultural e da ancestralidade.

Esta pesquisa visa a reflexão sobre a importância das escritoras indígenas contemporâneas, buscando compreender de que forma suas obras assumem um papel político-social na sociedade e na educação. O estudo abrange diferentes autoras e textos, com o foco de identificar temas recorrentes, estratégias discursivas e o impacto de suas escritas no contexto educacional, especialmente no ensino médio.

O presente trabalho tem como objetivo geral evidenciar a relevância da literatura indígena escrita por mulheres no contexto educacional das escolas públicas do município de Parintins, bem como no cenário sociopolítico mais amplo. Para isso, busca-se, em específico: compreender o papel político-social desempenhado por essas autoras em suas produções; realizar leituras de obras de escritoras indígenas como Eliane Potiguara e Márcia Kambeba, analisar a presença e o impacto da literatura indígena de autoria feminina no processo de formação crítica de estudantes; e ressaltar a importância dessas produções literárias para a valorização da identidade, da diversidade cultural e da resistência indígena no ambiente escolar.

A partir de revisão bibliográfica como recurso metodológico, utilizou-se, ainda, como metodologia a técnica qualitativa partindo de uma abordagem monográfica. Por meio desse embasamento teórico-metodológico, foi aplicada oficina de leitura tendo com o público-alvo estudantes do ensino médio, especificamente, do 3º Ano. Ao todo, 21 alunos responderam ao questionário desta pesquisa. Nessa proposta, buscou-se utilizar o texto “Meu Chão Kambeba”, da autora Márcia Kambeba, trabalhado em sala de aula como intervenção pedagógica.

Entre os resultados obtidos durante a pesquisa, destaca-se o desafio de acesso à literatura indígena de autoria feminina pelos alunos, bem como, pelos docentes. Todavia, há conhecimento prévio dos alunos sobre literatura indígena, de forma geral, o que demonstra aspectos do senso crítico. Com esses e outros resultados apontados na parte analítica deste trabalho monográfico podemos refletir sobre as práticas pedagógicas de ensino e aprendizagem nas escolas.

Com este estudo, espera-se contribuir para a valorização da Literatura Indígena Feminina como ferramenta de promoção do ensino crítico, capaz de fomentar reflexões sobre identidade, resistência e pertencimento nos âmbitos educacional, político e social.

CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 A leitura enquanto meio na formação do leitor

O ato de ler “não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (Freire, 1989, p. 9). Com essa afirmação, compreende-se que a leitura está além da leitura de palavras, é um processo que requer contexto com a realidade, um dinamismo que envolve linguagem e realidade de maneira contínua.

A leitura, dessa forma, abrange operações que se desenvolvem por meio da escrita, da oralidade, da informação visual, sonora ou que remete à conjuntos simbólicos. Entre essas possibilidades, a literatura agrega valor à produção de sentido, enquanto forma de produzir significado, estabelecer reflexões e posicionamentos dentro da sociedade.

A literatura, com isso, exerce um aspecto fundamental no desenvolvimento do ser humano. Por meio dela, desenvolve-se o senso crítico, são fortalecidos vínculos afetivos e estimulam-se as capacidades cognitivas e a compreensão linguística. A leitura e a literatura, quando combinadas, tornam-se potências de formação analítica e reflexiva das pessoas.

Na fase de alfabetização infantil, por exemplo, a leitura de imagens acontece de forma espontânea e significativa. Então, ao ser inserida no contexto didático junto às obras literárias, ganham um sentido essencial ao oferecer à criança novas perspectivas sobre o mundo. Almeida (2021), afirma que:

A introdução de imagens na educação está ligada ao seu potencial emotivo, envolvente e sedutor, àquilo que foge à racionalidade e à precisão da escrita, pensando nas vantagens que trará sobre a forma de motivação, de apelo subjetivo para uma educação que possa abandonar o apego aos cânones em favor de uma melhor compreensão da interioridade humana. (Almeida, 2021, p.19)

Tendo em vista essa fase inicial de formação, Soares e Ferreira (2019) enfatizam que o letramento literário é importante para a formação de leitores, pois constitui um dos estímulos mais relevantes para a leitura pelas crianças. Por meio do contato com a literatura, a criança identifica-se, escuta, imagina, conta e reconta histórias, estimulando sua cognição, afetividade, expressão e linguagem.

Do ponto de vista da textualidade, Krug (2015) destaca que é por meio do texto que se adquirem e se estruturam posicionamentos, construindo-se repertório a partir do questionamento acerca da potencialidade e opiniões de autores. Dessa forma, reflete-se e formam-se os próprios conceitos e consequentes conclusões.

Diante disso, salienta-se que ambas as formas de leitura, tanto de imagem, quanto de texto, são componentes essenciais para o leitor, pois, enquanto os textos literários carregam em si memórias, histórias e críticas sociais, a imagem possibilita um enriquecimento visual de cenários, personagens e temporalidades. Além disso, influenciam no desenvolvimento da habilidade da interpretação, “a leitura de mundo e a das imagens podem se imbricar e, apesar de se materializarem de forma externa ao texto, ao mesmo tempo elas o constroem e o complementam” (Almeida, 2021, p. 19)

Vale ressaltar as particularidades que existem entre a leitura utilitária e a leitura estética, nas quais se pode categorizar a literatura, e como a percepção do leitor é influenciada de acordo com cada estilo de escrita e leitura. Nesse pressuposto, ao se analisar a leitura como ferramenta, compreende-se que é de grande relevância para o desenvolvimento crítico do leitor, especialmente no aperfeiçoamento de habilidades de leitura voltada à compreensão do mundo.

A leitura utilitária, enquanto prática, tem como objetivo instruir o leitor no entendimento inicial de determinada temática; ela funciona como uma ponte ao entendimento funcional. Por outro lado, é a leitura estética, ao reunir formas de expressão literária, além de instruir, leva o leitor a ver além do conteúdo literal. Esta, instiga-o a desvendar camadas subentendidas no texto, ampliando para um olhar mais sensível e crítico sobre o assunto.

Para Cosson (2006), na leitura e na escritura de texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. O texto literário vai muito além da ideia de instruir; ele permite ao leitor vivenciar uma leitura mais prazerosa, que deixa de ser um ato de obrigação para se tornar uma experiência de satisfação pessoal – o que chamamos de fruição.

Seguindo essa ideia, nota-se que, dessa forma, a leitura desperta a sensibilidade para com o outro. Ou seja, o leitor consegue, com mais fluidez, compreender o mundo ao seu redor com atenção e afeto.

Em face disso, percebe-se que, por meio desses textos, desenvolve-se a construção da subjetividade do leitor; este pode não apenas se reconhecer nas

palavras do autor, como também ampliar sua percepção das coisas. Como afirma Cosson (2006, p. 16), “nosso corpo linguagem é feito das palavras com que o exercitamos, quanto mais eu uso a língua, maior é o meu corpo linguagem e, por extensão, maior é o meu mundo”.

A afirmação de Cosson (2006) reforça a ideia da tríade fruição, sensibilidade e subjetivação, pois, ao afirmar que, ao ampliar seu “corpo linguagem”, o leitor também expande sua visão, escuta e capacidade de sentir o mundo ao seu redor, evidencia-se que ele também é capaz de transformá-lo com aquilo que lê.

Diante disso, reafirma-se que essas experiências literárias contribuem para o despertar do interesse do leitor pela linguagem, leitura e, evidentemente, para um enriquecimento cultural e pessoal. Por conseguinte, amplia o conhecimento e a sensibilidade para as múltiplas visões de mundo, sobretudo, para a diversidade humana.

Resultado de um conjunto de influências exercidas por diversas instituições, experiências e relações em grupos sociais, a formação da educação e do senso crítico das pessoas acontece em ambiente familiar, cultural, religioso, nos meios de comunicação, na escola, entre outros espaços. Fazem parte desse conjunto, ainda, as vivências territoriais dos sujeitos, sua conexão com a realidade que os cerca. Com destaque para a escola, ressalta-se um papel significativo no diálogo entre os saberes e valores adquiridos em diferentes contextos.

Desse modo, evidencia-se o papel da escola na formação dessas práticas cognitivas. Amparado por diretrizes do Estado, o ensino escolar segue perspectivas específicas de ensino-aprendizagem. No caso da legislação brasileira, em específico, no que diz respeito à prática de leitura no ensino regular, podem-se destacar duas normas a título de exemplificação.

Primeiramente, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), regida pela Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, encontra-se a recomendação de se valorizar a cultura nacional e regional, ponto que justifica a inclusão de literaturas diversas como prática de leitura. Em segundo lugar, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), a leitura é descrita como eixo estruturante da formação do estudante em todas as fases de ensino.

Em comum, as normativas apresentam a pluralidade cultural e diversidade de conteúdo para abordagem das temáticas em sala de aula. No entanto, apesar dos documentos oficiais que orientam a educação regular, observam-se limitações na aplicação prática dos princípios legais. Seja pela padronização curricular seguida à risca em todo território nacional, pouco considerando as particularidades de cada região, seja pela estrutura sistemática e pela exigência de alcance de índices elevados exigidos pelos órgãos governamentais, há um comprometimento qualitativo das práticas pedagógicas. Essas práticas, muitas vezes, deixam de priorizar os aspectos socioculturais dos alunos e da localidade em que estão inseridos.

A escola ao seguir de forma rigorosa as competências e habilidades estabelecidas para alcançar índices e metas, acaba conduzindo o aluno ao desenvolvimento apenas da leitura utilitária, esquecendo-se da importância de fazê-lo refletir realmente sobre o sentido mais profundo do texto e suas múltiplas interpretações sobre o mundo que o cerca. Como afirma, a respeito dessas limitações Jagher (2021, p. 253), “é fruto de ausência de práticas efetivas de leitura ou de práticas que trataram o ensino de literatura apenas com o objetivo utilitário, de práticas desmotivadoras, de didáticas que afastam o aluno leitor.

Todavia, essa padronização curricular não sujeita somente o aluno à estagnação, mas também a professor, enquanto mediador, considerando que este acaba por limitar-se a ensinar o que foi previamente programado. Com isso, a leitura deixa de ser uma experiência de aprendizado para se tornar uma tarefa a ser cumprida.

Para além disso, ainda na perspectiva educacional, é relevante mencionar o papel do educador como mediador. “Caberá a ele desenvolver-se enquanto pessoa e profissional, de direitos e deveres, usufruindo da prática da leitura, a fim de contribuir com o exercício de uma cidadania crítica e justa” (Krug, 2015, p. 19).

A literatura, em sua instância intermediária, auxilia na luta de minorias, permitindo o compartilhamento de experiências pessoais, tecer críticas as questões

sociais, denunciar e estabelecer a conscientização dos demais. Nesse sentido, a literatura torna-se um espaço de resistência e expressão.

No caso das autoras indígenas, ao escreverem obras com narrativas de seus povos e suas crenças, promovem entre suas próprias etnias a autoafirmação, elevando a conscientização até de suas próprias condições. Sobre o uso da literatura nos dias atuais como instrumento de resistência, afirma-se que a utilização de ferramentas como a escrita alfabética e o uso de veículos midiáticos impulsionou essa luta e, ao apresentar aos indígenas o campo das letras e das artes, fez com que estes encontrassem nela “o lugar para sua expressão, de modo que a literatura indígena, a publicação de livros e de outros saberes e artes possibilitam que essas lideranças [...], possam autoafirmar-se, autovalorizar-se no duplo ato: resistência e lutas. (Dorrigo, 2017, p. 135).

No geral, a valorização da literatura indígena como um alicerce para a promoção da diversidade cultural, fornece vozes para esses grupos sociais que lutam em minorias, desencadeia portas para a reconstrução de valores atribuídos a estes de forma pejorativa, auxiliando na inclusão social e reconhecimento cultural.

A literatura indígena na contemporaneidade tem em sua ação não somente a figura do escritor/autor que reflete sobre os saberes e as práticas ancestrais, mas também a presença e o protagonismo do intelectual indígena que defende os direitos próprios aos povos indígenas. (Dorrigo, 2017, pg. 114)

O letramento literário realiza, em práxis, na vida do leitor, a função de capacitar o indivíduo a interpretar e contemplar textos literários, o tornando um leitor crítico e reflexivo, a fim de acionar em si habilidades linguísticas, visto que esse é submetido a um conjunto de aspectos como vocabulários, expressões artísticas e vivências fora de seu contexto, dessa forma, o leitor não só desenvolve o domínio linguístico, como também a própria escrita.

Outrossim, ao confrontar com realidades diversas, universos diferentes, o leitor internaliza a sensibilidade por via da formação ética e estética. Assim, a literatura possibilita vivenciar emoções que fazem com que o leitor reconheça no outro seus desafios e experiências de resistência, promovendo reflexões sobre valores humanos e um olhar mais empático. Diante disso, destaca-se que o letramento literário não somente instrui, mas educa sujeitos para serem mais sensíveis, críticos e estimulados.

Ao analisar a importância do letramento literário na infância, evidencia-se o quanto se torna relevante para a criança o contato com textos literários desde cedo,

viabilizando a familiarização com diversos gêneros como fabulas, contos, lendas etc. Para Soares e Ferreira (2019), tornar a literatura parte imprescindível à formação significa destacar os efeitos da mesma na trajetória da criança, tais como identificar sentimentos e ações através dos personagens, conhecer outras realidades, estimular criatividade e imaginação, comunicar através das palavras.

Buscando externalizar o letramento literário, ao que se diz respeito sobre o leitor indígena, destaca-se que o mesmo ao ter esse contato com textos literários, encontram-se nas entrelinhas de cada autor. Para o leitor indígena, é um nicho importante para o seu fortalecimento identitário, preservação do próprio idioma e das narrativas de herança cultural deixadas pelos seus antepassados, combatendo o risco de desaparecimento e apagamento.

1.2 Alteridade e Dialogismo na Literatura Indígena

A Alteridade e o dialogismo são concepções fundamentais no âmbito das ciências humanas, que englobam a compreensão e a interação dos indivíduos entre si. Ambos os fundamentos estão internamente ligados à formação da identidade, do conhecimento e das relações culturais em uma sociedade multifacetada.

A alteridade, enquanto conceito, aborda a ideia de reconhecer e respeitar as diferenças do outro, desenvolve a consciência coletiva e sugerindo uma perspectiva em que o outro é extremamente importante para o desenvolvimento de definições.

Nesse sentido, a leitura de Nélcio Vieira de Melo (2003), ao sintetizar o pensamento de Emmanuel Levinas, contribui para ampliar a compreensão da alteridade como uma experiência ética e sensível. Para além de um reconhecimento racional do outro, Levinas propõe uma consciência enraizada, que se realiza na vulnerabilidade e na fruição da presença alheia. A relação com o outro, portanto, não é apenas uma constatação teórica, mas um chamado à responsabilidade, à escuta e ao cuidado diante de uma subjetividade que nunca se reduz a um objeto.

Melo salienta a concepção de intencionalidade proposta em Levinas, quando afirma que “toda consciência é consciência de alguma coisa; ou ainda: a intencionalidade caracteriza essencialmente a consciência” (Melo, 2003, p. 45).

Entende-se, então, que a consciência não é um fundamento isolado ou conceitual, mas está sempre voltada para algo, especialmente para o outro.

Ao exteriorizar essa abordagem, Melo (2003) expõe uma ideia diferente do modo de se relacionar com o outro a partir de Levinas, de que não se trata de uma relação de análise e controle, mas de atenção e responsabilidade com o outro. Levinas propõe que esse encontro acontece muito antes de qualquer raciocínio lógico, sucedesse pela experiência vivenciada com o corpo, acolhimento e sensibilidade.

Então, interpreta-se que o outro nos confronta e convida a conhecê-lo realmente, sem nos prender a definições, pré-julgamentos ou tentativa de minimizá-lo ao que já conhecemos.

Já o dialogismo, princípio fundamental da filosofia bakhtiniana, salienta que qualquer enunciação é intrinsecamente dialógica, os indivíduos não existem individualmente. Ou seja, está em uma relação constante com outros enunciados. Nas palavras de Bakhtin, “a vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo” (Bakhtin, 1961, p. 293).

Correlacionando aos conceitos estabelecidos por Bakhtin, Paulo Freire destaca sua tese relativamente a visão do diálogo como prática emancipadora. Para Freire, o diálogo é muito mais do que uma simples forma de interação comunicativa, trata-se de uma relação de reconhecimento mútuo, onde o sujeito se entende como o próprio autor de sua história. É como o próprio autor relata ao recordar um momento decisivo de sua trajetória:

É que deixar definitivamente a advocacia naquela tarde, tendo ouvido Elza: ‘Eu esperava isto, você é um educador’ [...] cujo campo de experiência, de estudo de reflexão, de prática se constituiu como um momento indispensável à gestão da Pedagogia do Oprimido. (Freire, 2014. p. 21)

Esse reconhecimento do outro, nesse caso a partir da fala de Elza, retrata justamente a concepção teórica de Freire (2014) sobre o diálogo, que é a de ser um espaço de construção coletiva de sentidos, libertação e transformação. No âmbito educacional, essa premissa se fortalece ao ser voltado para recepção da literatura indígena, pois acarreta a escuta ativa de vozes, visões cosmológicas e cognitivas.

Uma vez que a alteridade depende de uma comunicação intersubjetiva com o outro, o dialogismo se realiza integralmente quando há identificação dos múltiplos discursos que compõem narrativas ou uma abordagem epistemológica. Na literatura, esses conceitos desempenham relevância significativa, pois concedem a coexistência

de pontos de vistas diversos, expandindo o entendimento referente a histórias, percepção pessoal e cultural.

Boaventura de Souza Santos (2014), apresenta a *Ecologia de Saberes* como uma abordagem que promove o diálogo entre diferentes formas de conhecimento, sustentando princípios como a alteridade e o dialogismo. Mediante às palavras de Santos (2014):

A ecologia de saberes é um conceito que visa promover o diálogo entre vários saberes que podem ser considerados úteis para o avanço das lutas sociais [...] É um processo coletivo de produção de conhecimentos que visa reforçar as lutas pela emancipação social. (Santos, 2014, p. 332)

Essa concepção sustenta que nenhum saber é -ou deve ser- considerado superior ao outro, isto é, todos igualmente devem ser ouvidos e levados em consideração. Diante disso, argumenta-se que, com base nessa ideia, a Literatura Indígena oferece uma alternativa que se contrapõe à lógica eurocentrista. Imagine que, na escola, o ensinamento acontece sob a ótica do colonizador, como se articulasse que somente o que ele diz ser certo é, de fato, o certo.

A Literatura indígena surge, então, como um instrumento que dissipa essa lógica eurocentrista; quando você lê literatura indígena, você se permite aprender com outros saberes, aprende a ouvir, a entender como se sentem, como pensam e vivem. É essa a perspectiva em que a ecologia de saberes se encaixa, ao mostrar as multiculturalidades presentes nessa literatura.

A literatura indígena dialoga com o mundo ao nosso redor ao questionar os paradigmas predominantes, trazendo à tona perspectivas de povos cuja cultura e história foram recorrentemente marginalizadas e deturpadas. Quando concebida sob a ótica dialógica, transcende da escrita para se tornar um ato político de reconhecimento da alteridade e da dignidade dos saberes ancestrais.

Esse movimento de resistência vai muito além de uma básica reafirmação de identidades, ele confronta a sociedade a reavaliar seus princípios e crenças, incentivando um diálogo que não apenas compreende o outro, mas incentiva novas formas de pensar e agir.

Inserido nessa dinâmica dos enfrentamentos, obras como o poema *Fim de Minha Aldeia*, presente no livro *“Metade Cara, Metade Máscara”* de Eliane Potiguara, *apresentam* a voz poética da autora, onde traduz não somente a dor

pessoal, mas coletiva e ancestral. Potiguara (2018), denuncia o apagamento de seu povo, enquanto evoca a memória como um brado de resistência.

E por onde passo
 Há só lembranças, tristes lembranças
 De uma aldeia acabada.
 Grito traída, canto a trapaça
 Sou a própria tristeza
 Transformei-me numa constante ameaça
 (Potiguara, 2018, p. 35)

Os trechos citados acima demonstram um profundo luto contra o apagamento marcado pelos colonizadores sobre o povo Potiguara. Apesar da resistência a esse processo, seu povo não saiu ileso, foi profundamente afetado com perdas simbólicas e culturais que deixaram cicatrizes. O poema expõe essa dor, a da ruptura agressiva com modos de vida ancestrais e da memória que resiste.

É nesse contexto que Eliane Potiguara (2018) utiliza sua voz para falar por seu povo e por tantos outros. Como escritora e mulher indígena que luta, ela transforma sua existência em denúncia. Ao afirmar “Transformei-me numa constante ameaça”, revela-se como um perigo para o sistema, justamente porque reivindica sua identidade, denuncia as trapaças do processo colonial e escreve; e esse ato de escrever, de falar, é ainda mais potente por vir de quem foi historicamente silenciada.

A literatura indígena estimula o leitor a interpretar normas éticas e culturais que conduzem as práticas e visões de mundo indígenas, reforçando sua ligação com a coletividade e o território. Como ressalta Chauí (2003):

valores e normas são exteriores e anteriores a nós, definidos pela sociedade e pela cultura onde vivemos; mas por outro lado somos sujeitos éticos e, portanto, capazes tanto de interiorizar valores e normas existentes quanto criar novos valores e novas normas (Chauí, 2003, p. 355).

Ao mesmo tempo em que perpetua os valores tradicionais, a literatura indígena também inova, propondo novas formas de pensar a relação entre o coletivo, o homem e a natureza. Desta forma, evidencia-se que esta não é apenas um reflexo das tradições, mas também uma ferramenta poderosa para transformar e reestabelecer valores sociais, estruturando novos espaços de diálogo e alteridade no panorama literário, assim, é através desse processo que a verdadeira essência ética e dialógica de escritos indígenas se manifesta, mostrando que o diálogo entre culturas diferentes

não é apenas viável, mas indispensável para a preparação de um futuro mais inclusivo e consciente.

Dentro dessa perspectiva é possível perceber que o tempo não se estrutura de forma sequencial, como costuma ocorrer nas convenções narrativas da cultura dominante. Em muitos casos, os acontecimentos se conectam de modo que, passado, presente e futuro se harmonizam, regressam e transpassam ao longo do texto. Essa dinâmica pode refletir uma forma distinta de imaginar o tempo, marcada por relações que se conectam, pela presença constante da ancestralidade e por uma vivência em que o tempo não é apenas sequência, mas um processo contínuo. Assim, é através desse método que o verdadeiro fundamento ético e dialógico de textos indígenas manifesta-se, evidenciando que o diálogo entre culturas distintas não é somente efetivo, mas indispensável para a preparação de um futuro mais consciente e inclusivo.

Para autores, especialmente para autoras indígenas, a alteridade e o dialogismo são fundamentais para reivindicar narrativas que representem seus valores, experiências e perspectivas pessoais de maneira única. Essas definições proporcionam ferramentas essenciais para que vozes indígenas, historicamente silenciadas, sejam ouvidas e respeitadas em sua originalidade. Para as autoras indígenas, a alteridade é necessária, pois reconhece o lugar do outro como protagonista e não como objeto de julgamento.

É através de suas obras que expressam a riqueza de suas culturas, mas também a utilizam como forma de denunciar injustiças históricas e presentes, sendo assim, ao criar um espaço onde o leitor é levado a enxergar o mundo sob a perspectiva indígena, rompe estereótipos impostos pela visão colonialista. “Muitos relatos e romances de autores do século XVI e XIX, respectivamente, embora reconheçam o papel da mulher nestas comunidades, fomentavam pontos de vistas misóginos, estereotipados e etnocidas sobre sua cultura” (Silva e Dexenberger, 2023, online).

Por sua vez, o dialogismo enriquece a experiência de leitura ao demonstrar que as narrativas indígenas não existem de forma isolada, mas dialogam com temáticas universais como o meio ambiente, diversidade cultural e direitos humanos. Essa interconexão expande a perspectiva do leitor ao revelar que, ao explorar a temática da preservação ambiental, do direito ao território, da crença como ferramenta de resistência, as narrativas originárias propõe não somente uma reflexão sobre

específicas realidades, mas uma reorganização ética e política das relações humanas e sociais. Portanto, a leitura torna-se um ato político enquanto convoca o leitor a identificar outras formas de saber, viver e se expressar no mundo.

Essa conexão de vozes promove uma visão mais ampla e complexa do mundo, relevante para enfrentar questões atuais. Então, ao produzir esses textos e ao ser promovida a leitura a partir dessa perspectiva, autoras indígenas e seus públicos cooperam para a edificação de um ambiente literário mais pluralizado.

A literatura indígena fundamentada nas ideias da alteridade e dialogismo, apresenta-se como um local de destaque para estabelecer pontes entre diferentes culturas e abordagens. Essas produções não apenas recuperam histórias e vozes marginalizadas, mas também incentivam o encontro com o outro de forma empática e inovadora. Nesse sentido, como afirma Simão (2004):

A figura do outro torna-se, então, fundamental nos processos construtivos dialógicos, especialmente devido a algumas exigências que o diálogo impõe aos interlocutores, tais como: coordenação entre eles, o que não significa necessariamente concordância ou comunalidade de objetivos; construção de suposições a respeito do outro, quanto ao que ele pensa do tema e da própria interação em curso. (Simão, 2004 p. 5)

A interação proposta pela literatura indígena não requer homogeneidade de pensamento, mas sim multiculturalismo. Nesse processo, o diálogo é potencializado pela diversidade de perspectivas e pela habilidade de identificar o outro como um interlocutor legítimo, com vivências e abordagens singulares. Ao que se diz respeito sobre o leitor, essa troca influencia em uma compreensão mais profunda não apenas sobre os povos originários, mas sobre seu próprio papel em uma sociedade diversificada. Portanto, transcende o âmbito literário ao reconfigurar as relações entre culturas distintas, nos desafia a repensar nossa relação com o outro, promovendo uma coexistência baseada na empatia, harmonia entre os povos e na valorização das diferenças.

1.3 Vozes de Escritoras Indígenas e seu Papel Político na Luta pelos Direitos Indígenas

Como já evidenciado até aqui, a literatura indígena surgiu como uma importante ferramenta na resistência dos povos originários, ao proporcionar um espaço social estratégico nas lutas políticas e na visibilidade de suas vozes e reivindicações. As escritoras indígenas têm assumido protagonismo, articulando suas experiências por meio de narrativas, que ecoam dentro e fora de suas comunidades para compartilhar as memórias de seus antepassados, denunciar as violações sofridas em seus direitos, e a desconstruir a visão estereotipada sobre os povos indígenas.

Fortalecendo essa premissa da literatura indígena como instrumento que transcende a escrita, enfatiza-se esta como um espaço de luta e integração social. Com base nisso, Danner, Dorrico e Danner (2019) afirmam que:

Os/as escritores/as indígenas buscam desconstruir os estereótipos e os preconceitos produzidos de modo extemporâneo e caricato pelo/a colonizador/a relativamente aos povos indígenas por meio da dinamização de uma voz-práxis autoral, em que os/as próprios/as indígenas falam diretamente à sociedade civil. (Danner, L. F.; Dorrico, J.; Danner, F., 2003).

A fala acima evidencia a escrita indígena como uma ferramenta ativa, que reverte estereótipos e afirma identidades, operando como território simbólico de resistência. A literatura indígena de autoria feminina, ao registrar a história de seus povos, reivindica um lugar social, reconquista a identidade e rompe com o silenciamento histórico.

Ainda segundo Danner, Dorrico e Danner (2019), por meio dessa práxis discursiva:

“os/as autores/as indígenas narram tanto sua singularidade étnico-antropológica quanto os relatos de marginalização, exclusão e violência vividas enquanto minorias político-culturais, forjadas pela colonização e perpetuadas pela modernização conservadora.” (Danner, L. F.; Dorrico, J.; Danner, F., 2003).

Sobretudo, ao se tratar de uma sociedade marcada por desigualdades e pelo apagamento histórico, as obras dessas autoras se tornam um ato político, trazendo em seu contexto questões como demarcação de território, preservação cultural e os impactos das diretrizes coloniais dominantes.

Uma ideia significativa da proporção e do impacto que essas obras indígenas têm na sociedade, trata-se da educação. Como evidencia Kambeba (2018, p. 40), “ela nos dá possibilidades para que, fora da aldeia, alunos e pessoas possam se aprofundar em determinado assunto ou mesmo saber como cada povo vive, resiste e defende seu território”. Dessa forma, a literatura indígena se firma como um fio condutor de informação e conscientização, dando a estudantes e leitores um ponto de vista autêntico sobre os desafios enfrentados no decorrer da história. Assim como destaca também Sicsú (2023):

A literatura produzida por esses escritores tem uma função política e sócia bastante significativa. É, pois, por meio desses textos que os povos indígenas podem falar aos brancos sobre todo o processo de violência física, simbólica e cultural sofrida por eles, bem como trazer a lume a importância dos povos originários na construção identitária e cultural do país. (2023, p. 39).

Essa concepção fortalece a essência diversificada da literatura indígena, que, ao mesmo momento em que preserva tradições e memórias, age como um veículo de resistência e denúncia, ao descrever a violência estrutural que se destaca nessa relação entre os povos indígenas e os demais, esses escritos recontextualizam a importância dos povos indígenas no desenvolvimento da identidade nacional.

Entre os povos indígenas, o tempo não segue uma linha reta, mas gira. Isso pode ser avaliado ao compreender que passado, presente e futuro não se separam por duração cronológica, mas se encontram em um ciclo contínuo, como um “looping” em que a memória permanece viva e atuante. Esse é o que podemos nomear de tempo circular, onde nada se perde, tudo retorna. Dito isto, concebe-se que quem dá início a esse giro é a oralidade.

Entende-se que qualquer história antes de ser escrita, ela foi contada. É nesse movimento constante de transmissão que o tempo indígena se estrutura. Toda vez uma que história é contada, ela não apenas retorna o passado, mas reinscreve e projeta o presente e o futuro. A oralidade é, portanto, o ponto inicial desse tempo que não finda, pois permite que as experiências de um povo sigam vivas quando registradas por escrito, assim possibilitando que a memória do seu povo renasça todas as vezes que forem lidas.

Sob essa ótica é que Ailton Krenak (2019), reforça a ideia de manter aceso os sonhos e memórias coletivas, tendo em vista as formas de continuidade e resistência. Ao rememorar a fala do chefe indígena Sealth, ele aponta que “*ensine para os seus*

filhos a amar esta terra, ensine para os seus filhos a pisar suavemente sobre a terra. Porque a terra é a nossa mãe, ela é viva” (Sealth apud Krenak, 2019, p. 2).

Assim, os sonhos ansiados pelos antepassados não se apagam, ou seja, eles aguardam serem vividos, retomados e realizados por aqueles que vem depois.

No cenário político e social, as sociedades indígenas desempenham um papel fundamental na mobilização e defesa dos povos indígenas, entre essas ações, salienta a União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira (UMIAB), que opera como um campo de empoderamento e protagonismo feminino nas questões indígenas. A UMIAB une mulheres indígenas de diversas etnias da Amazônia, que, através disso, destaca pautas como a desigualdade estrutural, para além, essa mobilização também reflete na literatura indígena.

As narrativas dessas autoras dialogam diretamente com o papel político desempenhado pela organização, amplificando o entendimento sobre questões entre opressão de gênero, preservação da biodiversidade e cultural dos povos originários. Através dessa visibilidade que a UMIAB estende às mulheres indígenas, lhe dá suporte para ser agente de transformação em suas comunidades.

A manifestação das mulheres indígenas cada vez mais presentes nessas organizações e em movimentos indígenas amplia consideravelmente as pautas das políticas indigenistas, disponibiliza uma perspectiva empática às questões conjuntas que ultrapassam os conflitos particulares de gênero. Como destacado por Sacchi e Gramkow (2012):

Para as mulheres indígenas atuantes no movimento indígena e em organizações, a participação feminina nos diálogos e nas práticas das políticas indígena e indigenista seria fundamental para garantir a perspectiva da mulher sobre os problemas coletivos da comunidade e/ou do povo e, conseqüentemente, para obter soluções condizentes com a visão feminina sobre a promoção do bem-estar social do grupo em que vive. (Sacchi, Gramkow, 2012, p. 148).

A participação feminina transforma o movimento indígena em um âmbito mais inclusivo e abrangente, e, ao trazer para os diálogos uma abordagem que considera a harmonia social e comunitária, as mulheres indígenas articulam soluções que incorpora aspectos culturais, ambientais e sociais. Suas vozes não se limitam a uma mobilização silenciosa, elas geram conhecimento a partir da experiência, da oralidade, da cosmovisão e da coletividade. É nesse entrelaçamento entre elaboração crítica e vivência que ressoa o conceito de “intelectual orgânico”, elaborado por Antônio

Gramsci (1978), pois essas mulheres ao mesmo tempo em que lutam pela sobrevivência de seus povos, constroem saberes que nascem da própria trajetória, das memórias que carregam a ancestralidade que evocam.

Como afirma Rodrigo Diaz de Vivar y Soler (2017):

A questão levantada por Gramsci consiste na tarefa de percebermos o intelectual orgânico *como raison d'être* é o sujeito que, atrelado ao sistema cultural, procura pensar questões polemicas e dirigir uma prática que esteja necessariamente atrelada a problemas sociais modernos.” (Soler, 2017, p. 559)

Ao se produtoras de sentido e consciência crítica rompem com o papel passivo a elas historicamente destinado e assumem sua posição como vozes insurgentes que fundem saber e resistência em prática social concreta.

Escritoras indígenas muitas vezes engajadas por organizações como a UMIAB, argumentam em seus textos o valor da ótica feminina no enfrentamento das transgressões ocorrente sofridas ao longo da história pelos povos indígenas.

As vozes das escritoras indígenas representam, portanto, resistência e força, na luta pelos direitos indígenas e das mulheres, oferecendo uma ferramenta para que suas histórias, desafios e conhecimentos sejam ouvidos e reconhecidos.

A poesia presente em Márcia Wayna Kambeba é exemplo concreto dessa potência. Sua escrita, enraizada no corpo feminino indígena, transforma a experiência de opressão em linguagem de enfrentamento e afirmação. A mulher indígena, em seus versos, não é só resistência, mas memória personificada e voz da terra.

No poema “Resistencia Indígena”, Kambeba (2020) diz de forma poética ao que tantas mulheres indígenas representam, a continuidade, reconstrução e saber ancestral. A seguir, apresenta-se o poema na íntegra:

Resistência Indígena

Márcia Wayna Kambeba

*Quando as expedições aqui chegaram
Nesse solo meus pés já haviam tocado,
Meus cabelos cobriam meu corpo,
Com as palhas fazia um trançado.*

*Homens altos, vestidos,
Com arma na mão,
Meu povo correu, se escondeu,
Que confusão!*

*E numa conversa estranha,
Começava um perde e ganha,
Nossas casas invadidas
Pela espada da ambição.*

*Resistimos a uma guerra
De dizimação e epidemia,
Escravidão e exploração,
Maus-tratos que covardia.
Falavam em nome de um Cristo,
Qual Cristo? Não se via.*

*Como mulher sofri
Vendo o povo lutar,
Vejam só que invasão,
Invadidos sem pensar
Que o sofrimento ora sentido
Ia por anos se arrastar.*

*Os abusos e violências
Não ficaram para trás,
Vários anos se passaram
Ainda ecoa nossa voz.*

*Sou indígena, tenho alma,
Sou a riqueza, sou a nação,
Não sou enfeite, nem objeto,
Sou a barriga da gestação,*

*Que gestou em ti cultura,
Contribuindo com a miscigenação.*

*Na minha alma feminina,
Trago a letra da canção,
São vozes que gritam alto,
Com suavidade e beleza.
Sou mulher, sou povo,
Sou rio, sou natureza.*

*Cada canto em sua língua,
Identidade que em mim ressoa,
Sou cultura, ancestralidade,
Sou sabedoria, eu sou pessoa*

(Kambebe, 2020, p. 34)

Assim, trazer as palavras de Márcia Kambebe (2020) é reconhecer que a luta das mulheres indígenas não pertence apenas ao passado, ressoa no presente, na literatura, na memória e na oralidade, e se projeta no futuro como percurso de recuperação.

Por meio da literatura indígena feminina, é possível preservar tradições, promover denúncias sociais, expor a discriminação e a exploram que enfrentam diariamente. Essas autoras tornam visíveis aqueles que, por muito tempo, foram silenciados e, por meio de seu conhecimento, incentivam outros a se juntarem a essa resistência.

CAPÍTULO II - METODOLOGIA:

O papel político-social das escritoras indígenas na sociedade e na educação configura-se como um campo de análise crucial para a compreensão dos mecanismos de resistência e afirmação identitária. Por meio de suas obras, essas autoras articulam narrativas que questionam a hegemonia cultural dominante e denunciam processos históricos de marginalização e exclusão dos povos originários. Seus escritos não apenas preservam saberes ancestrais, mas também promovem uma reflexão crítica acerca das estruturas de poder presentes nos sistemas educacionais e sociais. Assim, a literatura produzida por essas escritoras assume uma função transformadora, ao contribuir para a reconfiguração dos paradigmas educacionais e para o fortalecimento de políticas públicas que valorizem a diversidade étnica e cultural.

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, “voltada para a geração de dados que se aproximam da perspectiva dos participantes em relação aos fatos, mesmo quando estes não são capazes de articulá-los de maneira explícita” (Teis & Teus, 2021, p. 1).

A pesquisa adotou o método de procedimento monográfico, pois busca coletar dados diretamente no ambiente onde o fenômeno ocorre, ou seja, na realidade escolar. Trata-se de um estudo comparativo, que tem como objetivo observar e analisar possíveis diferenças e semelhanças entre as percepções e compreensões dos alunos do terceiro ano do ensino médio, bem como dos professores de Língua Portuguesa, a respeito do papel político-social das escritoras indígenas. A escolha por esse procedimento se justifica pela necessidade de compreender, de forma mais aprofundada, como os sujeitos da pesquisa se relacionam com a temática proposta, possibilitando a construção de análises mais amplas sobre a presença (ou ausência) desses discursos literários e sociopolíticos no ambiente escolar. Nesse contexto, a etnografia se apresenta como uma perspectiva relevante para o aprofundamento da análise, uma vez que permite captar os sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos em seus contextos socioculturais. Como afirma Clifford Geertz (1978, p. 15),

Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante. Mas não são estas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é um tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma descrição densa. Dessa forma, a pesquisa busca ir além da coleta objetiva de dados, incorporando também

uma compreensão mais profunda das experiências e significados compartilhados pelos participantes em seus cotidianos escolares.

As técnicas de pesquisa adotadas neste estudo foi realização de uma oficina de leitura e a aplicação de questionários como instrumentos de coleta de dados. A oficina foi voltada exclusivamente para alunos do terceiro ano do ensino médio, bem como para professores de Língua Portuguesa. Essa escolha se justifica pelo fato de que os estudantes dessa etapa estão em fase de conclusão do ensino médio, momento em que a consolidação das competências linguísticas se torna essencial para seu desempenho em avaliações externas e para sua preparação acadêmica e profissional, tendo como eixo central a leitura e análise de produções literárias de escritoras indígenas.

A proposta da oficina visou promover um espaço de diálogo, reflexão crítica e aproximação com a literatura indígena, evidenciando seu papel político-social tanto na sociedade quanto no contexto educacional. Após a realização da atividade, foi aplicado um questionário estruturado, com perguntas objetivas e abertas, a fim de levantar as percepções, compreensões e impactos que os textos trabalhados despertaram nos participantes. A utilização dessas técnicas permitiu analisar de forma mais precisa como a literatura dessas autoras é recebida, interpretada e valorizada no ambiente escolar, contribuindo para a reflexão sobre práticas pedagógicas mais inclusivas e representativas.

A interação entre esses sujeitos permitiu analisar não apenas o impacto da leitura desses textos no processo formativo dos alunos, mas também a forma como os docentes percebem e integram esse conteúdo em suas práticas didáticas. Essa abordagem possibilita uma compreensão mais abrangente dos efeitos sociais e educacionais da inserção da literatura indígena nos espaços escolares.

A base teórica que fundamenta esta pesquisa será construída a partir das contribuições de Walter Mignolo (2014), com foco central no conceito de colonialidade do saber e nas perspectivas da decolonialidade. Tais conceitos são essenciais para compreender os mecanismos históricos que silenciaram e marginalizaram os saberes e vozes indígenas, especialmente no campo da educação e da produção literária. A produção literária das escritoras indígenas, nesse contexto, representa um instrumento político e pedagógico de resistência, pois rompe com a lógica epistemológica hegemônica e reafirma identidades coletivas que foram historicamente subalternizadas. Assim, o papel político-social dessas autoras vai além da esfera

artística, pois incide diretamente nas práticas sociais e nos discursos educacionais, contribuindo para o processo de reconstrução de uma pedagogia crítica e plural.

Ao incluir essas vozes nas práticas pedagógicas e promover reflexões a partir da leitura e análise de suas obras, esta pesquisa propõe uma ruptura com os paradigmas tradicionais de ensino, que ainda se sustentam em bases coloniais e excludentes. A literatura indígena, especialmente aquela produzida por mulheres, torna-se, assim, uma ferramenta de transformação e conscientização, ao mesmo tempo em que valoriza os saberes ancestrais e amplia os horizontes da formação cidadã. Nesse sentido, como destaca Mignolo (2014, s.p.), a decolonialidade é

[...] uma maneira de pensar e de estar no mundo, e não um método para estudar. Pensar decolonialmente significa desatrelar-se dos pressupostos da epistemologia moderna baseados na diferença entre sujeito cognoscente e objeto a conhecer. [...] A decolonialidade são os processos de busca de se estar no mundo e fazer nesse estar, desobedecendo aquilo que a retórica da modernidade e do desenvolvimento quer que sejamos e façamos.

Desse modo, a teoria de Mignolo (2014) é a abordagem crítica central que sustenta esta pesquisa, por oferecer um referencial crítico capaz de orientar uma leitura aprofundada das práticas sociais e educacionais sob a ótica da descolonização do saber. Essa abordagem possibilita compreender a produção literária das escritoras indígenas não apenas como expressão artística, mas como ato político de resistência e reexistência, fundamental para uma educação mais crítica, justa e inclusiva.

A pesquisa foi realizada em uma escola de tempo integral da rede pública estadual, localizada na zona urbana do município de Parintins. A instituição conta com uma infraestrutura adequada para o ensino, incluindo acessibilidade, fornecimento de água filtrada e alimentação escolar. Além das salas de aula, dispõe de laboratórios de informática e ciências, sala de leitura, quadra de esportes, diretoria, sala dos professores e banheiros masculinos e femininos. A escola também possui recursos tecnológicos, como projetores, televisores, impressoras e acesso à energia elétrica, proporcionando um ambiente estruturado para o aprendizado. Ao todo, a escola atende aproximadamente 511 alunos distribuídos entre o primeiro, segundo e terceiro anos do ensino médio. Sendo uma instituição de tempo integral, busca garantir um ensino mais aprofundado e diversificado, permitindo maior imersão nas práticas pedagógicas. A escolha dessa escola como campo de pesquisa se justifica pela relevância do ambiente escolar na formação dos estudantes e pelo potencial de

analisar como a literatura indígena e seus aspectos político-sociais são percebidos por alunos e professores nesse contexto.

Tem-se como sujeitos desta pesquisa alunos e professores do terceiro do ano ensino médio, dessa forma, foi aplicado a oficina e questionário para 21 estudantes e 1 professor de Língua Portuguesa. A escolha desse público-alvo se deu pela expectativa de compreender o quanto a literatura Indígena feminina está presente no âmbito escolar e em como esses sujeitos estão abertos a receber essa literatura.

Nesse sentido, a pesquisa obedeceu às seguintes etapas: em primeiro momento, foi feito o levantamento bibliográfico, com o intuito de selecionar obras e autores que enriquecessem a temática e norteariam o desenvolvimento da pesquisa. Logo após, foi promovida a elaboração do pré-projeto e, posteriormente, do referencial teórico. Em seguida, elaborou-se a metodologia para a aplicação da pesquisa de campo, a qual foi definida como qualitativa, por meio de uma oficina de leitura e da aplicação de questionários. Com base nesse processo de investigação, foram obtidos dados, os quais foram, então, analisados. Por fim, realizou-se a revisão final da monografia, assegurando a coesão teórica da pesquisa.

CAPÍTULO III - ANÁLISE DE DADOS

3 1. Percepções Discentes

Esta investigação foi desenvolvida por meio da aplicação de uma oficina de leitura e de um questionário, realizados com o professor e os alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola da rede pública do município de Parintins, situada na zona urbana. A pesquisa teve como objetivo compreender o nível de conhecimento dos alunos nos anos finais da educação básica sobre a temática da literatura indígena, especialmente em relação às obras escritas por mulheres indígenas. Procurou-se identificar as percepções dos discentes diante dessas produções literárias e analisar como tais obras os influenciam positivamente na reestruturação de pensamentos, no rompimento de concepções enraizadas socialmente e herdadas do colonialismo.

A partir dessa oficina de leitura, os alunos foram convidados a internalizar uma perspectiva descolonial, aproximando-se da resistência indígena sob o olhar e a voz de autoras que vivem e escrevem a partir dessa realidade. A escolha do campo de pesquisa fundamenta-se na importância da literatura no ambiente escolar, sobretudo quando se trata de vozes historicamente silenciadas. Trabalhar a literatura indígena com estudantes em seus anos finais contribui para sua formação acadêmica, enriquece o repertório cultural e estimula o pensamento crítico e reflexivo, aspectos fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa, plural e respeitosa com a diversidade.

De acordo com as competências gerais estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é dever da escola:

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais, bem como promover a apropriação de conhecimentos e experiências que permitam ao estudante compreender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (Brasil, 2018, p.9)

Nesse contexto, a BNCC incentiva uma educação que reconhece os múltiplos saberes como parte essencial da formação humana. A escola, portanto, transcende o papel de simples transmissora de conteúdos e passa a ser um espaço de escuta, diálogo e reconstrução cultural, sobretudo quando acolhe e legitima as narrativas de povos originários por meio da literatura.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, estruturada com base em perguntas selecionadas. Para fins de apresentação e análise, os dados foram organizados em quatro categorias principais. A identidade dos participantes foi preservada por meio da atribuição de nomes fictícios inspirados em autores indígena.

Aluno (a)	Idade	Série
Potiguara	17 anos	3° do E.M
Munduruku	17 anos	3° do E.M
Dorrigo	18 anos	3° do E.M
Macuxi	16 anos	3° do E.M

Fonte: Garcia, 2025.

Considerando os registros apresentados no quadro, percebe-se que se trata de um grupo de alunos em fase de conclusão do Ensino Médio, sendo a maioria adolescentes que vivenciam diariamente as pluralidades culturais no ambiente escolar. A atribuição de nomes de autores indígenas a esses alunos reforça a ideia central desta pesquisa: a valorização do indígena como protagonista e do aluno como percussor desse movimento. Essa contextualização aproxima o estudante da Literatura Indígena, ampliando sua compreensão social e escolar, além de contribuir significativamente para a análise qualitativa das respostas que serão debatidas.

3.2 Reflexões e Resultados da Oficina de Leitura com Alunos.

As seguintes reflexões e resultados reúne perguntas voltadas aos alunos do terceiro ano do ensino médio (3° ano) mediadas através de questionário aplicado durante a oficina de leitura, tendo em vista a observação de como a Literatura Indígena foi compreendida e ressignificada pelos jovens. A partir de quatro questionamentos principais, buscou-se identificar não apenas o nível de conhecimento prévio do assunto, mas bem como a percepção dos alunos após a leitura e discussão do texto aplicado.

O texto utilizado na atividade foi o poema “Chão Kambeba”, presente na série Saberes Tradicionais, da coleção O Lugar do Saber, de Márcia Wayna Kambeba.

Pergunta	"O que você sabia sobre a Literatura Indígena antes dessa aula?"
Aluno (a)	Resposta
Potiguara	"Sabia que a literatura Indígena era uma forma dos povos originários expressar sua cultura, crenças, para o mundo. Nessa aula, só reforçou."
Munduruku	"A forma como os povos originários acharam para falar sobre sua luta e resistência, durante séculos"
Dorrigo	"Que é uma forma das pessoas desse grupo social se expressar, através da escrita"
Macuxi	"Que no romantismo, quem era o verdadeiro herói (Romantismo Brasileiro) era o indígena"

Fonte: Garcia, 2025.

Diante de quatro respostas distintas para uma única pergunta, compreende-se níveis de contato e percepção da Literatura Indígena de diferentes modos, mas todas apontam para a principal concepção que esta análise requer como base, a consciência de identidade, resistência e discernimento da representação cultural dos povos originários.

Potiguara, 17 anos, mostra ter uma boa convicção da importância da Literatura Indígena para a sociedade e para os povos originários principalmente, ela ressalta que a oficina de leitura somente reforçou aquilo que já era de seu conhecimento.

Munduruku, 17 anos, por sua vez aponta um aspecto importante da resistência indígena através da literatura, ao expressar a luta que se estende por séculos e a escrita como ferramenta para dar voz a esses povos historicamente silenciados.

Dorrigo, 18 anos, apresenta uma interpretação mais genérica, porém indica o impacto da Literatura Indígena para a expressão cultural através da escrita, o que demonstra uma base sólida para um estudo mais aprofundado do tema.

Macuxi, 16 anos, por outro lado, oferece uma resposta mais marcada pela abordagem escolar, ao citar o Romantismo. Ao ressaltar que "no Romantismo, quem

era o verdadeiro Herói era o indígena”, indica que seu contato se deu por meio da literatura canônica brasileira. Qualquer iniciado nos estudos literários, bem como qualquer autor de literatura nativa que tem lutado pelo reconhecimento de sua arte, contudo, apontará o equívoco: trata-se de literatura indianista, “em que a população autóctone estabelecida anteriormente à colonização ou um seu representante foi transformada em tema, objeto, matéria narrada” (Britto, Filho e Cândido, 2018). Esse tipo de representação, embora tenha desempenhado um papel simbólico na construção da identidade nacional, não deu voz ao sujeito indígena real. Como reforçam os mesmos autores, “o investimento estético na figura do indígena realizado pelos românticos brasileiros foi fundamental para o processo de emancipação da arte nacional, mas pouco contribuiu para o reconhecimento do valor autônomo da tradição oral da cultura ameríndia” (Britto, Filho e Cândido, 2018).

Dessa forma, observa-se que os alunos entendem a relevância da Literatura Indígena e que esta é ferramenta essencial na luta, resistência e preservação histórica dos povos originários. Ainda assim, constata-se que o conhecimento ainda é bem superficial em relação, principalmente, a Literatura Indígena Feminina, visto que não houve nenhuma familiaridade estabelecida nas respostas.

Pergunta	“De que maneira você acredita que a literatura indígena feminina pode influenciar a sociedade atual?”
Aluno (a)	Resposta
Potiguara	"É importante para que a sociedade entenda suas origens, bem como as mulheres entenda sua força "
Munduruku	"Influencia na forma em que as mulheres indígenas são vistas pelos outros, visando impor o respeito"
Dorrico	"Mostrando costume, crenças, danças, rituais e música para outras pessoas conhecerem"
Macuxi	"Que de certa forma influencia outras mulheres a lutarem pelos seus direitos"

Fonte: Garcia, 2025.

De acordo com Potiguara, 17 anos, a Literatura Indígena Feminina estabelece conexão entre a sociedade e suas origens, ao mesmo tempo em que transcende às outras mulheres indígenas a sua verdadeira força.

Munduruku, 17 anos, pontua o impacto na forma como as mulheres indígenas são observadas na sociedade, estas que não apenas denunciam e relatam vivências, mas reivindicam respeito e visibilidade, mudando o olhar externo sobre elas.

Dorrigo, 18 anos, já evidencia a importância dessa literatura para a preservação cultural e da identidade de seus povos. Por meio da dança, das crenças e costumes, chama a sociedade a conhecer sua herança tradicional.

Macuxi, 16 anos, toca num ponto crucial de uma das perspectivas que fomentam esta investigação, a de outras mulheres indígenas se reconhecerem nessas autoras, visando incentivá-las a engajarem lutas por seus direitos e igualdade.

Nesse contexto, é preciso considerar que “a literatura indígena, por exemplo, ainda é pouco estudada em seu aspecto contemporâneo (cotidiano) e, particularmente, em seus aspectos fronteiriços” (Graça Graúna, 2014, p.1) o que reforça a relevância de escutar essas vozes. Afinal, como aponta Taukane (1999, p. 18): “Senti necessidade de ser ouvida, de que acreditassem e conhecessem a riqueza tão vasta de uma cultura indígena. Talvez tenha sido a minha meta, de que os povos indígenas falem por eles mesmos”.

Dessa forma, a Literatura Indígena Feminina revela-se não apenas como uma expressão artística e cultural, mas como um instrumento de resistência, pertencimento e reconstrução de narrativas. Ao resgatar memórias, denunciar apagamentos e reafirmar identidades, essas autoras colocam em xeque os discursos hegemônicos que por tanto tempo silenciaram suas vozes. Elas não apenas escrevem, elas invocam, curam e despertam. Suas palavras são flechas lançadas contra o esquecimento, traçando caminhos para que outras mulheres indígenas se reconheçam, se fortaleçam e ocupem os espaços que historicamente lhes foram negados. Assim, essa literatura deixa de ser apenas uma produção estética e torna-se um gesto político, vital e urgente.

Pergunta	“Qual a sua percepção sobre as mulheres indígenas após a leitura de ‘Chão Kambeba’?”
Aluno (a)	Resposta

Potiguara	“São mulheres guerreiras, sonhadoras, que lutam em defesa do seu povo”
Munduruku	"Que as mulheres indígenas sempre lutaram e continuam lutando para ter sua afirmação"
Dorrigo	“Que as mulheres indígenas são sinônimo de força e resistência na sociedade”
Macuxi	“De resistência, guerreira e confiante.”

Fonte: Garcia, 2025.

Considerando a leitura do poema "Chão Kambeba" da autora Márcia Wayna Kambeba, evidenciou-se novas perspectivas desenvolvidas diante do impacto da leitura.

Potiguara, 17 anos, define as mulheres indígenas como guerreiras e sonhadoras, o que remete a força ativa dessas escritoras na sociedade, e o seu papel em defesa dos povos originários. A percepção de Potiguara se conecta com a de Munduruku, 17 anos. O mesmo reafirma a luta enfrentada por décadas e em como as mulheres indígenas ainda resistem por sua afirmação identitária. Como no poema: "Sou Kambeba resisti" (Kambeba, p. 25).

Da mesma forma Dorrico, 18 anos, apresenta paralelamente aos anteriores, duas palavras-chave que sustentam os conceitos desta pesquisa, força e resistência. Além disso, fomenta e dá ênfase ao impacto social, não apenas comunitário. Tal impacto pode ser observado nos versos: "Minha dança guardei para mostrar, essa terra, meu chão é meu lar [...] Eu voltei para lutar" (Kambeba, p. 25).

Ratificando o que Potiguara, Munduruku e Dorrico induz, Macuxi, 16 anos, finca a categoria com três princípios básicos, persistência histórica, autoafirmação e poder subjetivo, refletidos no trecho: "Busco minha afirmação" (Kambeba, p. 25).

Assim, reflete-se a importância da escolha do poema aplicado na oficina. "Chão Kambeba" permitiu evidenciar a força das mulheres indígenas na luta por reconhecimento e valorização. Por meio da obra, observou-se que os alunos conseguiram absorver as intenções da autora ao provocar reflexão acerca da literatura indígena como ferramenta de resistência e despertar do pensamento crítico-social.

Pergunta	O que você acha que falta para a literatura Indígena de autoria feminina ser mais valorizada?"
Aluno (a)	Resposta
Potiguara	"Mais abertura da sociedade para com os indígenas, menos preconceito e assim conhecer mais a história"
Munduruku	"Mais visibilidade para os povos originários"
Dorrigo	"compreensão e busca de conhecimento geral sobre esses assuntos"
Macuxi	"A valorização por parte da população principalmente, pois nós somos capazes de fazê-la ser valorizada e criação de órgãos competentes, voltado para a literatura Indígena"

Fonte: Garcia, 2025.

O contexto social abrangente á literatura Indígena de autoria feminina no Brasil ainda encara muitos obstáculos e é pela superação desses empecilhos que muitas autoras continuam lutando diariamente. A partir dessa concepção, as respostas atribuídas à pergunta se deram da seguinte forma.

Potiguara, 17 anos, afirma que para uma valorização real da literatura Indígena feminina, é preciso haver mais abertura da sociedade em geral, buscar conhecimentos é essencial para apreender conceitos sem passar pelo crivo do colonialismo e assim, eliminar preconceitos preestabelecidos.

Munduruku, 17 anos, entende que para haver esse reconhecimento, primeiramente é preciso com que a literatura Indígena, em termos gerais, conquiste essa valorização, para assim, a literatura Indígena no teor feminino alcance esse destaque.

Já Dorrico, 18 anos, concorda com os anteriores quando se fala sobre busca de conhecimentos e a promoção da compressão perante ao tema.

Por sua vez, Macuxi, 16 anos, aprofundou-se ainda mais e buscou entender como de fato, pode-se dar a valorização necessária a literatura Indígena feminina. De acordo com ele, essa valorização deve partir não somente da sociedade, mas também de setores governamentais. A criação de órgãos que apoiem e dê suporte a resistência indígena é de extrema importância.

Atualmente, ao que se sabe, com a iniciativa tomada por escritoras indígenas, foi criado o coletivo Mulherio das Letras Indígenas, que busca oferecer incentivos para

que autoras indígenas não apenas tenham os recursos para escrever, como também para divulgar seus trabalhos, superando desta forma a visão simplista de que não há literatura produzida pelos povos originários (ONU Brasil, 2022). Essa mobilização literária não ocorre de forma isolada, mas dialoga diretamente com as estratégias de resistência e afirmação identitária promovidas dentro e fora das comunidades. Nesse contexto, é importante reconhecer o protagonismo das mulheres indígenas não apenas na literatura, mas também nas lutas sociais e políticas.

Como destacam Silva e Daxenberger (2023), muito do que se sabe sobre as formas de resistência à herança colonial passa diretamente pelas mãos das mulheres indígenas, que potencializaram a voz originária ao contribuir para a organização política de seu movimento.

Através disso, entende-se que mulheres indígenas não estão apenas escrevendo, mas também liderando movimentos de resistência e luta por direitos. Ao contarem suas histórias, elas enfrentam o passado colonial e reafirmam suas culturas. Por isso, iniciativas como o Mulherio das Letras Indígenas são tão importantes, elas ajudam a dar visibilidade a essas vozes e mostram que a literatura também pode ser uma forma de luta e transformação.

3. 3 Escuta Docente

Muito se reconhece a importância do papel do professor como mediador do conhecimento em sala de aula. Com base em sua formação e experiência, o educador tem como principal objetivo conduzir os alunos a um ambiente de diálogo, promovendo a pluralidade de ideias e a construção coletiva do saber. Cabe a ele oferecer estratégias, recursos e suportes didáticos, estabelecendo uma ponte entre teoria e prática ao aproximar os conteúdos da realidade vivenciada pelos estudantes. Além disso, o professor estimula a autonomia dos educandos, favorecendo o desenvolvimento do pensamento crítico e da responsabilidade social.

No contexto da literatura indígena, essa função se torna ainda mais essencial. Diante disso, torna-se indispensável que o professor busque intencionalmente metodologias e abordagens que permitam incluir a literatura indígena no planejamento

pedagógico, garantindo representatividade, valorização cultural e reflexão crítica no ambiente escolar.

Desse modo, seguem abaixo as perguntas aplicadas, acompanhadas das respectivas respostas do professor do Ensino Médio, identificado pelo pseudônimo Krenak, de 42 anos.

Perguntas	Respostas
"Como você considera a importância da literatura Indígena nas escolas?"	"De importância para o ensino da diversidade literária, e resgate cultural dos povos indígenas como valorização desses povos para a formação da identidade cultural brasileira"
"Quais estratégias você utiliza para ensinar sobre a diversidade cultural e literária?"	"Utilização de textos literários produzidos por autores indígenas e de autores que abordam essa temática em suas obras"
"Quais são os obstáculos que você enfrenta ao trabalhar com literatura Indígena?"	"Na grande maioria a escassez de obras produzidas por autores indígenas"

Fonte: Garcia, 2025.

Mediante às suas experiências educacionais e acadêmicas, com mais de quinze anos de profissão, Krenak, 42 anos destacou na pergunta de número um(1), o papel fundamental da literatura Indígena como ferramenta de resgate cultural e valorização dos povos originários, relacionando diretamente à formação da identidade nacional.

Todavia, para possibilitar a mediação da temática indígena em sala de aula, o professor precisamente utilizar de estratégias. Krenak salientou, na pergunta de número dois (2), que utiliza textos literários de autoria indígena ou que trabalham com essa abordagem.

Em contrapartida, o professor apontou na pergunta de número três (3), a escassez de obras produzidas por autores indígenas como um dos principais desafios enfrentados ao trabalhar com a literatura indígena no ambiente escolar. Schaefer, relata que ao:

Buscar estudos teóricos sobre a literatura indígena brasileira, não encontrei nenhum na biblioteca escolar – já citei que em guias e volumes distribuídos pelo MEC às escolas não havia sequer menção à literatura indígena. (Schaefer, 2016, p. 17)

A recorrente ausência de referências à produção literária indígena em materiais didáticos e acervos escolares demonstra o apagamento histórico dos povos originários na educação formal. Tal invisibilização compromete o acesso dos estudantes a uma visão plural e crítica da literatura brasileira, dificultando o reconhecimento da diversidade cultural existente no país.

Pergunta	Resposta
"Como você acha que leitura de "Chão Kambeba" pode impactar o entendimento dos alunos sobre a cultura indígena?"	"Porque o texto literário aborda a cultura indígena tecida na voz de uma representante de sua cultura, torna o texto mais próximo de seu povo, de sua vivência"
"Você acredita que os alunos estão cada vez mais abertos a temas como o apresentado por Márcia Kambeba?"	"Sim, até porque o Festival de Parintins contribui para a valorização da cultura indígena e a escola deve abordar essa temática em seu ensino"
"Como você vê o papel das mulheres indígenas no contexto literário atual?"	"Inovador, pois, são poucas as autoras que se apresentam no cenário da literatura"

Fonte: Garcia, 2025.

Sob a óptica da Literatura Indígena Feminina, o professor Krenak, 42 anos, destaca na pergunta de número um (1), a relevância da representatividade nos textos literários produzidos por escritoras indígenas. No poema "Chão Kambeba", Márcia Wayna Kambeba evoca a memória e a resistência de seu povo frente ao opressor e aos avanços tecnológicos que invadiram sua aldeia e, ao mesmo tempo, compartilha vivências que aproximam o leitor de sua realidade ancestral e afetiva, como se vê no verso: "Minha aldeia o progresso tomou, / Resisti ao opressor." Nestes versos a autora transforma sua identidade em poesia e luta, reafirmando a força e a continuidade de sua cultura.

Falar em vivência nos leva a contextualizar o conteúdo com a realidade do aluno, buscando aproximá-lo de sua própria história e identidade. Nesse sentido, o professor destaca na pergunta de número dois (2), o Festival de Parintins como uma

potente possibilidade de abordagem dessa temática no ambiente escolar, uma vez que essa manifestação cultural faz parte do universo simbólico do estudante parintinense. Inserido nesse contexto, o festival não apenas exalta elementos da cultura indígena, mas também contribui para sua valorização, tornando-se uma ponte entre o conhecimento acadêmico e o saber ancestral. Ao integrar expressões culturais locais ao ensino, se torna mais significativo ao aluno.

Ao considerar a cultura local como recurso pedagógico, é importante destacar o papel das mulheres no Festival de Parintins, que muitas vezes é pouco reconhecido diante do protagonismo dos bois. Mulheres indígenas, ribeirinhas e da zona urbana participam ativamente do festival como artistas, bordadeiras, coreógrafas, cantoras e compositoras. Por meio dessas funções, elas preservam a ancestralidade e transformam as narrativas de pertencimento. Essa atuação vai além do aspecto estético, assumindo um papel político e cultural que reafirma a presença feminina na tradição, na arte e na resistência. Incorporar essa perspectiva no ambiente escolar torna o ensino mais plural e significativo, aproximando a Literatura Indígena Feminina, como a obra de Márcia Kambeba, da realidade das estudantes, que passam a se reconhecer como protagonistas de uma história viva e em constante transformação.

Esse protagonismo é destacado por Krenak, 42 anos, ao apontar, na pergunta número três (3), o papel inovador das mulheres indígenas no cenário literário, ressaltando que elas ainda são poucas.

Os resultados obtidos e analisados confirmam a relevância do estudo da Literatura Indígena de autoria feminina, tanto para as autoras quanto para os povos originários, na luta pela superação da colonialidade, pela demarcação de territórios e pela preservação de suas identidades. A partir disso, observou-se a necessidade de maior atenção e aprofundamento da temática nas escolas, ainda que os alunos já demonstrem alguma base de conhecimento, o que é um indicativo positivo.

Os dados alcançaram os objetivos propostos pela oficina: compreender o impacto social da literatura indígena feminina; refletir sobre a resistência cultural das mulheres indígenas por meio do texto “Chão Kambeba”; e coletar informações, por meio de questionários aplicados a alunos e professores, que contribuam com o desenvolvimento da monografia.

Esta análise possui limitações, especialmente quanto ao tamanho da amostra e aos métodos utilizados, que podem ter influenciado os resultados. Essas questões devem ser consideradas na interpretação dos dados e em estudos futuros.

A coleta e interpretação dos dados permitem compreender de forma mais clara como a Literatura Indígena Feminina é percebida pelos estudantes e quais são seus níveis de familiaridade com o tema. Além disso, reforça a importância de abrir caminhos para que os alunos tenham maior contato com essas produções.

Recomenda-se que pesquisas futuras se aprofundem na temática e que haja constante atualização dos estudos nessa área, pois é por meio deles que se mantém viva a cultura, a memória e a resistência dos povos originários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo investigar o papel político-social das escritoras indígenas na sociedade e na educação, bem como sua atuação como ferramenta de luta e resistência na quebra de paradigmas edificados sobre a perspectiva do olhar eurocêntrico. Por séculos, ao longo da jornada trilhada pela literatura Indígena, esse grupo social foi marginalizado, estereotipado e violado. A presença feminina vem se tornando cada vez mais indispensável nesse movimento, visto que suas vozes carregam força.

A partir do estudo realizado, observa-se muitos aspectos positivos e negativos que envolvem o papel exercido por escritoras indígenas no âmbito social, educacional e político. Dentre os pontos positivos, evidencia-se a valorização das vozes indígenas femininas na literatura contemporânea, que contribui para uma representação mais autêntica e plural. Por outro lado, pontua-se aspectos negativos como a invisibilização histórica dessas autoras ainda impõe desafios significativos. Tais ambiguidades representam a complexidade que envolve o tema e reforçam a necessidade de estudos contínuos sobre o assunto.

É importante salientar a contribuição significativa desta pesquisa para a área da educação e dos estudos literários, ao propor uma abordagem crítica e pedagógica da literatura Indígena de autoria feminina, ainda pouco explorada no ambiente da sala de aula. Elaborar e aplicar a oficina de leitura para alunos do terceiro ano do ensino médio, partindo da apresentação da obra “Chão Kambeba”, permitiu inserir no âmbito escolar vozes historicamente silenciadas, promovendo a valorização da diversidade cultural e o reconhecimento das muitas identidades multifacetadas que compõe a sociedade brasileira. A investigação também entende a importância do professor como mediador de saberes e como formador de leitores críticos do seu tempo.

Este trabalho abre caminhos importantes para novas pesquisas que desejem aprofundar o debate sobre a literatura indígena de autoria feminina no contexto da educação. Investigações futuras podem incluir a análise de obras de outras autoras indígenas, como Eliane Potiguara, Graça Graúna e Auritha Tabajara, ou ainda propor comparações entre as produções literárias de mulheres e homens indígenas, observando temas e identidades presentes em suas narrativas.

Por fim, aplicar oficinas de leitura com textos de autoras indígenas em diferentes regiões pode ajudar a entender melhor como os estudantes recebem e interpretam essas vozes. Essa proposta contribui para o contato com culturas muitas vezes esquecidas e fortalece práticas de ensino mais abertas, inclusivas e respeitadas com a diversidade. A literatura indígena de autoria feminina, é, portanto, uma potente ferramenta de resistência, aprendizagem e formação crítica dentro da escola.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Patrícia da Silva de. **Formação do leitor literário: a importância da leitura na escola.** 2021. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BRITTO, Tarsilla Couto de; SOUSA FILHO, Sinval Martins de; CÂNDIDO, Gláucia Vieira. **O avesso do direito à literatura: por uma definição de literatura indígena.** Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, [S. l.], n. 53, p. 177–197, 2017. DOI: 10.1590/2316-4018537. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/10264>. Acesso em: 8 jun. 2025.

CARNEIRO, F. F. F.; KREFTA, N. M.; FOLGADO, C. A. R. **A Praxis da Ecologia de Saberes: entrevista de Boaventura de Sousa Santos.** Tempus – Actas de Saúde Coletiva, [S. l.], v. 8, n. 2, p. Pág. 331–338, 2014. DOI: 10.18569/tempus.v8i2.1530. Disponível em: <https://tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/1530>. Acesso em: 15 jun. 2025.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia.** São Paulo, Ática, 1997.

CLIFFORD, A. **Experiência Etnográfica - Antropologia e Literatura no século XX.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1998. (Org. José Reginaldo Santos Gonçalves).

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 2.ed., 4. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie; DANNER, Fernando. **Em busca da terra sem males: violência, migração e resistência em Kaká Werá Jecupé e Eliane Potiguara.** Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 58, p. 1–17, out. 2019. DOI: 10.1590/2316-4018587. Disponível em: periódico da UnB. Acesso em: 15 jun. 2025.

DORRICO, Julie. **Literatura Indígena e seus Intelectuais no Brasil: da autoafirmação e da autoexpressão como minoria à resistência e à luta político-culturais.** REVISTA DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE AS AMÉRICAS, v. 11, p. 23-114-136, 2017.

DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico] / Julie Dorrico;**

DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido** [recurso eletrônico]. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013

JAGHER, Cleide Maria; MELLO, Claudio José de Almeida. **Práticas de leitura literária na escola e a formação de leitores. Claraboia: Revista de Literatura e Linguística**, Cornélio Procópio, n. 16, p. 1–14, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/782>. Acesso em: 14 jun. 2025

KAMBEBA, Márcia Wayna. **O lugar do saber**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020. Disponível em: <http://www.casaleiria.com.br/acervo/olma/olugardosaber/index.html>. Acesso em: 8 jun. 2025.

KRENAK, Ailton. Ailton Krenak: **Entre a vida e a morte, a sabedoria. Entrevista concedida a Thiago Dias e Regina P. Gil**. Entre, São Paulo, abr. 2020. Disponível em: <https://entre-entre.com/manager/uploads/interviews/ailton-krenak-i-566.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2025.

KRUG, Flavia Susana. **A importância da leitura na formação do leitor**. REI – Revista de Educação do IDEAU, v. 10, n. 22, Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU, 2015.

MELO, Nelio Vieira de. **A Ética da alteridade em Emmanuel Levinas** / Ne-lio Vieira de Melo. 2003. -Porto Alegre: EDIPUCRS, 311 p. - (Coleção filosofia; 163)

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução de Viviane Benedito. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ONU BRASIL. **Escritoras indígenas lutam por valorização**. 2023. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/204677-escritoras-ind%C3%ADgenas-lutam-por-valoriza%C3%A7%C3%A3o?hl=pt-BR>. Acesso em: 8 jun. 2025.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. 3. ed. Rio de Janeiro: Grumin, 2018. 160 p.

SACCHI, Ângela; GRAMKOW, Márcia Maria. (Orgs.). **Gênero e povos indígenas: coletânea de textos produzidos para o "Fazendo Gênero 9" e para a "27ª Reunião Brasileira de Antropologia"**. - Rio de Janeiro, Brasília: Museu do Índio/ GIZ / FUNAI, 2012.

SCHAEFER, A. B. **A literatura indígena na escola: da invisibilidade ao aparecimento**. 2016.

SICSÚ, Delma Pacheco. **Narrativas de Escritores Indígenas Amazonenses: Modos de Ver; Modos de Pensar** / Delma Pacheco Sicsú; orientador Danglei de Castro Pereira. Brasília, 2023.

SILVA, Pedro Henrique Felix da; DAXENBERGER, Ana Cristina Silva. **Eliane Potiguara: o protagonismo da mulher indígena na valorização das culturas**

originárias. Brasil de Fato, São Paulo, 14 abr. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br>. Acesso em: 8 jun. 2025.

SIMÃO, Livia Mathias. **Alteridade no diálogo e construção de conhecimento. O outro no desenvolvimento humano: diálogos para a pesquisa e a prática profissional em psicologia.** Tradução . São Paulo: Thomson, 2004.

SOARES, Ludmila Loslene; FERREIRA, Bruna Milene. **A importância do letramento literário para a formação do leitor.** Goiás, 2019.

SOLER, Rodrigo Díaz de Vivar y. **Uma leitura sobre o intelectual orgânico em Gramsci.** Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 541-561, ago. 2017.

TAUKANE, D. **A história da educação escolar entre os Kurâ-Bakairi.** Cuiabá: Darlene Taukane, 1999.

TEIS, Mirtes Aparecida; TEIS, Denise Terezinha. **A abordagem qualitativa: a leitura no campo de pesquisa.** Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 1, p. 1-8, 2006.

UMIAB. **União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira.** 2017. Disponível em: <https://www.umiab.org>. Acesso em: 06 dez. 2024.

ANEXOS I: ALGUNS QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS PELOS ALUNOS

Questionário - Oficina: Literatura Indígena Feminina

Público-alvo: Alunos do 3º ano do Ensino Médio
 Tema: O impacto social da literatura indígena feminina
 Texto base: "Pisando na História" de Márcia Kambeba

Responda com sinceridade às perguntas abaixo:

1. O que você sabia sobre a literatura indígena antes dessa aula?
 Sabia que a literatura indígena era uma forma de poesia original, expressar sua cultura, crenças para o mundo. Nessa aula, só reforçar.
2. De que maneira você acredita que a literatura indígena feminina pode influenciar a sociedade atual?
 É importante para que a sociedade entenda suas origens, bem como as mulheres entendam suas origens, força.
3. Qual a sua percepção sobre as mulheres indígenas após a leitura de 'Pisando na História'?
 São mulheres guerreiras, corajosas, que lutam em defesa do seu povo.
4. Você percebe algum estereótipo sendo quebrado no texto? Se sim, qual?
 Sim, a afirmação de sua identidade, já que muitas pessoas não mantêm presença.
5. Como a autora utiliza a história pessoal para tratar de temas universais?
 Ela afirma sua identidade no texto, sua luta para mostrar o peso de sua luta em prol de seu povo.
6. O que você acha que falta para a literatura indígena feminina ser mais valorizada?
 mais abertura da sociedade para com os indígenas, menos preconceito e assim também mais as histórias.
7. Quais são os desafios que a mulher indígena enfrenta, segundo o texto?
 É de quebra constante de estereótipo, luta, resistência e busca por respeito.
8. Como o texto de Márcia Kambeba se conecta com a literatura indígena tradicional?
 Ela luta e resistência.

Questionário - Oficina: Literatura Indígena Feminina

Público-alvo: Alunos do 3º ano do Ensino Médio
 Tema: O impacto social da literatura indígena feminina
 Texto base: "Pisando na História" de Márcia Kambeba

Responda com sinceridade às perguntas abaixo:

1. O que você sabia sobre a literatura indígena antes dessa aula?
A forma que os povos originários acharam por fazer sobre sua luta e resistência durante séculos.
2. De que maneira você acredita que a literatura indígena feminina pode influenciar a sociedade atual?
Influência na forma em que as mulheres indígenas são vistas pelos outros, visando impor o respeito.
3. Qual a sua percepção sobre as mulheres indígenas após a leitura de 'Pisando na História'?
Que as mulheres indígenas sempre lutaram e continuam lutando para ter sua afirmação.
4. Você percebe algum estereótipo sendo quebrado no texto? Se sim, qual?
Sim, o fato de mulher ser frágil e totalmente descartada no texto.
5. Como a autora utiliza a história pessoal para tratar de temas universais?
A partir de poemas, relatando a luta dos povos originários.
6. O que você acha que falta para a literatura indígena feminina ser mais valorizada?
Mais visibilidade para os povos originários.
7. Quais são os desafios que a mulher indígena enfrenta, segundo o texto?
A busca por afirmação, luta para resistir a repressões e buscar o respeito.
8. Como o texto de Márcia Kambeba se conecta com a literatura indígena tradicional?
O texto relata muito sobre a luta dos povos originários, o que é muito presente na literatura indígena.

Questionário - Oficina: Literatura Indígena Feminina

Público-alvo: Alunos do 3º ano do Ensino Médio
 Tema: O impacto social da literatura indígena feminina
 Texto base: "Pisando na História" de Márcia Kambeba

Responda com sinceridade às perguntas abaixo:

- O que você sabia sobre a literatura indígena antes dessa aula?
Que é uma forma das pessoas desse grupo social se expressarem através da escrita.
- De que maneira você acredita que a literatura indígena feminina pode influenciar a sociedade atual?
Mostrando costumes, crenças, danças, rituais e música para outras pessoas conhecerem.
- Qual a sua percepção sobre as mulheres indígenas após a leitura de 'Pisando na História'?
Que as mulheres indígenas são um número de força e resistência na sociedade.
- Você percebe algum estereótipo sendo quebrado no texto? Se sim, qual?
Não.
- Como a autora utiliza a história pessoal para tratar de temas universais?
Trazendo para o leitor como a força feminina está presente não só em um grupo, mas em todos.
- O que você acha que falta para a literatura indígena feminina ser mais valorizada?
Compreensão e busca de conhecimento geral sobre esse assunto.
- Quais são os desafios que a mulher indígena enfrenta, segundo o texto?
Como as mulheres eram oprimidas a sua cultura.
- Como o texto de Márcia Kambeba se conecta com a literatura indígena tradicional?
De forma que mostra também como os indígenas sofrem preconceito por serem indígenas.

Questionário - Oficina: Literatura Indígena Feminina

Público-alvo: Alunos do 3º ano do Ensino Médio
 Tema: O impacto social da literatura indígena feminina
 Texto base: "Pisando na História" de Márcia Kambeba

Responda com sinceridade às perguntas abaixo:

1. O que você sabia sobre a literatura indígena antes dessa aula?
Que no Romantismo quem era o cidadão heroico (o
mitismo Brasileiro) era o indígena.
2. De que maneira você acredita que a literatura indígena feminina pode influenciar a sociedade atual?
Que de certa forma influencie sobre mulheres e
lutarem pelo seus direitos.
3. Qual a sua percepção sobre as mulheres indígenas após a leitura de 'Pisando na História'?
De resistência, guerreiro, confiante.
4. Você percebe algum estereótipo sendo quebrado no texto? Se sim, qual?
Acredito que quando ele fala que sua luta é de amor
e união, não fala nada de guerra, como uma alusão
aos conflitos armados que vivenciamos atualmente.
5. Como a autora utiliza a história pessoal para tratar de temas universais?
Canto como cultura, arte e dança
luta como resistência.
6. O que você acha que falta para a literatura indígena feminina ser mais valorizada?
A valorização por parte da população principalmente por
nos países europeus de fora do por valorizada e vivida
de países competentes, voltados para a literatura indígena
7. Quais são os desafios que a mulher indígena enfrenta, segundo o texto?
(Dificuldade em conseguir emprego), desigualdade
cultural, desvalorização cultural e sua língua nativa
como exemplo
8. Como o texto de Márcia Kambeba se conecta com a literatura indígena tradicional?
Que apesar de sua cultura ainda existe resistência
de diferentes formas.

ANEXOS II: QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELO PROFESSOR

Questionário - Oficina: Literatura Indígena Feminina

Público-alvo: Professores

Tema: O impacto social da literatura indígena feminina

Texto base: "Pisando na História" de Márcia Kambeba

Responda com sinceridade às perguntas abaixo:

1. Como você considera a importância da literatura indígena nas escolas?
De importância para o ensino da diversidade literária e resgate cultural dos povos indígenas como valorização desses povos e formação
2. A literatura indígena feminina já é discutida em suas aulas? Caso sim, de que maneira?
será abordada no seguinte sentido: respeito em conformidade ao planejamento curricular dentro do contexto literário.
3. Qual a percepção dos seus alunos sobre o tema?
sim, para trabalhado e com certeza será satisfatório porque essa escola apresenta uma comunidade étnica diversificada.
4. Como você acha que a leitura de 'Pisando na História' pode impactar o entendimento dos alunos sobre a cultura indígena?
porque o texto literário aborda a cultura indígena tendo no voz de uma representante de sua cultura tornando o texto mais próximo de seu povo e de sua vivência.
5. Você acredita que os alunos estão cada vez mais abertos a temas como o apresentado por Márcia Kambeba?
sim, até porque o festival de Parintins contribui para a valorização da cultura indígena e a escola deve abordar essa temática em seu ensino.
6. Quais estratégias você utiliza para ensinar sobre diversidade cultural e literária?
utilização de textos literários produzidos por autores indígenas e de autores que abordam esse tema em suas obras
7. Quais são os obstáculos que você enfrenta ao trabalhar com literatura indígena?
na grande maioria, é a escassez de obras produzidas por autores indígenas.

-
-
8. Como você vê o papel das mulheres indígenas no contexto literário atual?

Inovador, pois são poucas as autoras que se apresentam no cenário da literatura.

9. Há quanto tempo você atua como professor(a) de Língua Portuguesa

Há mais de quinze anos

10. Você possui formação específica ou já cursou disciplinas relacionadas à Literatura Indígena?

Não possui formação específica em literatura indígena, mas aborda a temática dentro do ensino de literatura brasileira.